Miguel Barbosa

A SOPA DAS RATAZANAS
A OPA DA PALHA
E OUTRAS PEÇAS DE TEATRO

vega

A SOPA DAS RATAZANAS, A OPA DA PALHA
E OUTRAS PEÇAS DE TEATRO
Autor: Miguel Barbosa
Colecção: O Chão da Palavra / Teatro
© Nova Vega e Autor, 1.ª edição (2015)

Direitos reservados em língua portuguesa por:
Nova Vega, Lda.
Apartado 4352 – 1503-003 Lisboa
info@novavega.pt
www.novavega.pt

Sem autorização expressa do editor não é permitida a reprodução parcial ou total desta obra desde que tal reprodução não decorra das finalidades especificas da divulgação e da critica.

Editor: Assírio Bacelar
Capa: Jorge Machado-Dias
Paginação electrónica: Teresa Meneses
ISBN: 978-989-750-043-5
Depósito legal n.º 400700/15
Impressão e acabamento: VASP DPS

Miguel Barbosa

A SOPA DAS RATAZANAS
A OPA DA PALHA
E OUTRAS PEÇAS DE TEATRO

vega

A OPA DA PALHA

Teatro estilo Kabuki, cadeiras, mesas, etc. Tudo é levado pelos atores no palco. Caraterizam-se, também no palco, quando necessário.
Há possíveis personagens, como as Parcas, que são virtuais tirados de figuras da mitologia grega. Cenários adaptáveis e alterados com os atores em ação. Há um diabo do sexo feminino que participa e, às vezes, até comanda algumas cenas. Também toma notas num pequeno bloco.
As primeiras cenas com os vagabundos são feitas com eles deitados no palco, tapando os corpos com jornais que apanham do chão e com mantas rotas. Também alguns fardos de palha em cena.
O palco é aberto e nele se darão as aparições e projeções. Por isso o fundo é um pouco nebuloso.
Há, pendurados numa corda, uma corneta, uma forquilha e réstias de alhos.
A forquilha serve para o Diabo espicaçar as personagens e andar de um lado para o outro empurrando, picando os atores e divertindo-se.

PERSONAGENS

1.º VAGABUNDO – Sonhador. O mais culto.
2.º VAGABUNDO – Problemas de solidão e amargura.
3.º VAGABUNDO – Ingénuo e analfabeto.
RAINHA – Maria Antonieta, Rainha de França.
MADAME COELHO – Meia idade. Banqueira.
VITÓRIA – Dona do palacete e do palheiro.
CAGLIOSTRO – Cabeça de ovo. Vem de bata branca suja de pólvora e rota. Traz inúmeros frascos fumegantes. (Pode ser também Robespierre ou Alfredo)
ROBESPIERRE – Traz ao pescoço uma pequena guilhotina.
BISPO de CANTUÁRIA – Pode ser Alfredo.
ALFREDO – Empregado de Vitória. (Pode ser Bispo de Cantuária ou Cagliostro)
O DIABO – Bem vestida. Cheia de anéis e pircingues nas orelhas. Sempre a mudar de roupa, de penteado e de chapéus. E muito preocupada com a figura. É o elemento de ligação entre o público e os atores.

AS TRÊS PARCAS:
CLOTO | São projeções virtuais. E as aias da Rainha. Se necessário
LÁQUESIS | dispensáveis da peça
ÁTROPOS |

NOTA: Muitos dos atos, como as danças, são virtuais, bem como alguns dos sonhos dos vagabundos

DIABO – Sou um diabo fêmea que vem, esta noite, acompanhar estes insólitos momentos teatrais. Apesar de morta venho dialogar com a vida. Só lamento que não tenha sido escolhida uma diaba mais *sexy* e credenciada, como os senhores merecem (ri-se). Mas há tantos casos políticos no Inferno sem solução e a exigir grandes intervenções sociais que fui a burocrata escolhida. Não passo de uma modesta funcionária mal paga e vivendo em condições precárias. Isto é, num velho e ferrugento caldeirão sem água quente e ar condicionado e com meia dúzia de malvados diabos, ainda piores do que eu. Ardendo e suando as culpas, copiosamente, nesse pequeno espaço. Mas gabo-me de ser uma fiel e honrada profissional, melhor desonrada profissional. Que vai relatar fielmente tudo o que esta noite aqui se passar. Mesmo que seja uma pouca vergonha. Até aquelas que nem um demónio pode esconder ou disfarçar. Posto isto, vamos à ação. Começa com três vagabundos que, sonham, com os tempos da Grande Revolução Francesa, em Paris. Eu tentarei, modestamente, ser uma jacobina ao vosso dispor.

1.º VAGABUNDO (abanando o 2º V) – Viste-a? Deitada a meu lado!

2.º VAGABUNDO – Chiu! Não vi nada.

1.º V – Que belo pedaço de mulher! Um tratado de posições.

2.º V – Estava coçando uma borbulha inchada e vermelha como os paramentos de um Cardeal.

3.º V – Gostava de a ter visto. Mas eu nunca vejo nada!

2.º V – A gaja não devia ter mais nada que fazer do que dormir com um vagabundo como tu.

3.º V – Eu toda a noite ouvi tiros lá para os lados da Bastilha!

2.º V – Devem ter sido os teus peidos. A Bastilha já está tomada.

1.º V – Trata-se de uma senhora séria, titular e de boas famílias. Não é uma *citoyenne* das trincheiras que cheiram a pólvora e usam o suor como perfume. Ela sabe que não sou um conspirador e a respeito. E conhece a chama ardente que arde dentro de mim.

3.º V – Eu também tenho ainda algum fogo para apagar...

1.º V – Pede aí ao teu colega do lado que te assopre a vela. E que, às escuras, te cace os piolhos jacobinos.

2.º V – Vai à merda.

3.º V – Agora com a Grande Revolução tudo vai mudar. Eu posso deixar de ser vagabundo e passar a ser licenciado. E com um canudo como o teu!

1.º V – Nem penses.

2.º V – Não metas cunhas a este gajo. Com a revolução vão acabar. Mas a gaja dos teus sonhos é sabida. Deve ser uma piolhosa que anda a enrolar este pinga-amor com promessas de cama ardente.

3.º V (espantado) – De câmara ardente? Com cantochão?

1.º V – Ela sabe com quem fala e a quem pode aparecer. Conhece a minha licenciatura em pedagogia conventual e que não sou um vagabundo qualquer. Que foi por ter dado uma cacetada seminarista num pedófilo reacionário que acabei nisto!

3.º V – Que licenciatura é essa?

1.º V – Acabou. Fecharam os seminários e cortam a cabeça aos licenciados.

2.º V (encolhendo os ombros) – Descansa que não te fico com a mulher nem te cobiço o diploma. Já me chegam as inúmeras *citoyennes* que andam toda a noite à minha volta!

3.º V – Eu perco-me pelas ruas de Paris à procura de uma gaja e este gajo tem tantas!

2.º V – É para que vocês vejam.

1.º V – A minha não é uma galdéria qualquer, que se deite debaixo de um canhão. O meu maior problema é saber se é casada.

2.º V – Ora que importa casar num tempo destes em que, sem grande custo, se pode violar uma marquesa!

A Opa da Palha teve as seguintes versões:

1.ª Edição em livro com o nome *O Palheiro*, ed. Best Sellers, 1963
2.ª Edição, Futura, 1974

Edição espanhola La Mano en el Cajon, Barcelona, com o nome
Los Profetas da la Paja
4.ª Edição, Universitária Editora, 2003
A peça foi proibida de ser representada em 1967 no Teatro Nacional D. Maria II e noutra tentativa no Teatro Experimental do Porto, na primeira versão.

É representada com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura de S. Paulo, encenada por Fernando Muralha, em inúmeros grupos universitários por todo o Estado de S. Paulo.

Representada em Barcelona e em Portugal pelo Taller de Teatro de Barcelona, com encenação de António Jovem e de António Puigrós.

Também representada no Brasil por vários grupos, como o Lambe-Lambe no Rio de Janeiro e no Paraná num festival de teatro.

Representada em inúmeros Teatros amadores e universitários.

Serviu de tese de licenciatura a Grace Bothaine, Susan Shaffer e Susan Castillo, da Universidade de Los Anjeles, U.S.A. e de Sebastiana Fadda, da Universidade de Milão, Itália.

Última versão com o nome *Opa da Palha*, edição Nova Vega, 2015, comemorativa dos noventa anos do autor.